

MAIS DE 600 MIL LIVROS VENDIDOS NO MUNDO

A MAIS BREVE HISTÓRIA DA EUROPA

UMA VISÃO ORIGINAL DAS FORÇAS
QUE MOLDARAM O NOSSO MUNDO



JOHN HIRST

INCLUI POSFÁCIO SOBRE A GUERRA DA UCRÂNIA

A MAIS BREVE HISTÓRIA DA EUROPA

UMA VISÃO ORIGINAL DAS FORÇAS
QUE MOLDARAM O NOSSO MUNDO



JOHN HIRST



SEXTANTE

Título original: *The Shortest History of Europe*
Copyright © 2012 por John Hirst
Copyright da tradução © 2018 por GMT Editores Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

TRADUÇÃO: Fernanda Abreu e Paulo Geiger

PREPARO DE ORIGINALS: Ângelo Lessa

REVISÃO: Ana Grillo, Hermínia Totti e Luis Américo Costa

DIAGRAMAÇÃO: Ana Paula Daudt Brandão

CAPA: Estúdio Insólito

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Cromosete Gráfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H573m

Hirst, John (John Bradley), 1942-2016

A mais breve história da Europa / John Hirst ; [tradução Fernanda Abreu, Paulo Geiger]. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Sextante, 2023.

272 p. ; 21 cm.

Tradução de: *The shortest history of Europe*

ISBN 978-65-5564-615-3

I. Europa - História. I. Abreu, Fernanda. II. Geiger, Paulo. III. Título.

23-82323

CDD: 940

CDU: 94(4)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
GMT Editores Ltda.
Rua Voluntários da Pátria, 45 – Gr. 1.404 – Botafogo
22270-000 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244
E-mail: atendimento@sextante.com.br
www.sextante.com.br

Sumário

Introdução	7
HISTÓRIA MAIS BREVE	
CAPÍTULO 1 Europa clássica e Europa medieval	11
CAPÍTULO 2 Europa moderna	35
INTERLÚDIO O toque do clássico	61
HISTÓRIA MAIS LONGA	
CAPÍTULO 3 Invasões e conquistas	73
CAPÍTULO 4 Formas de governo I	91
CAPÍTULO 5 Formas de governo II	109
CAPÍTULO 6 Imperadores e papas	133
CAPÍTULO 7 Línguas	153
CAPÍTULO 8 As pessoas comuns	169
INTERLÚDIO Por que a Europa?	187
FORÇAS DESTRUTIVAS	
CAPÍTULO 9 Industrialização e revolução	199
CAPÍTULO 10 Duas guerras mundiais	223
POSFÁCIO O destino da Europa está no Leste <i>por Filip Slaveski</i>	255
Lista de mapas e imagens	269

Introdução

SE VOCÊ GOSTA DE IR DIRETO ao final do livro para saber o que acontece, vai adorar este aqui. Nele, os finais aparecem logo depois do começo. Ele conta a história da Europa seis vezes, cada uma por um ponto de vista.

Estes textos foram apresentados pela primeira vez como aulas de introdução à história da Europa para estudantes universitários. Em vez de começar pelo princípio e conduzir o tema de maneira linear até o final, eu dava aos alunos uma rápida visão geral e depois retornava com mais detalhes.

As duas primeiras aulas esboçam a história da Europa como um todo. Essa é, de fato, a história mais breve. As seis aulas seguintes abordam, cada uma, um tema específico. O objetivo é aprofundar o entendimento voltando aos fatos e examinando-os em maiores detalhes.

Uma narrativa contém uma trama – começo, meio e fim. A civilização tem outro tipo de história. Nós nos sentimos cativados pela história de uma civilização quando imaginamos que ela tem uma ascensão e queda. Meu objetivo aqui é captar os elementos essenciais da civilização europeia e ver como têm sido reconfigurados ao longo do tempo, mostrar como coisas novas tomam forma a partir de antigas e como o que é antigo persiste e retorna.

Livros de história tratam de muitos acontecimentos e pessoas. Mas o que significa tudo isso? Quais são os elementos realmente importantes? Essas são as questões que sempre tenho em mente.

Muitas pessoas e muitos acontecimentos que fazem parte de outros livros de história não estão presentes neste.

Após o período clássico da história, este livro trata principalmente da Europa Ocidental. Nem todas as partes da Europa têm a mesma importância na formação da civilização europeia. Por exemplo: a Renascença na Itália, a Reforma Protestante na Alemanha, o governo parlamentar na Inglaterra e a democracia revolucionária na França foram acontecimentos que geraram mais consequências do que as divisões da Polônia.

Fundamentei este livro na obra de sociólogos da história, sobretudo Michael Mann e Patricia Crone. A professora Crone não é especialista em história europeia – sua especialidade é o Islã –, mas num pequeno livro chamado *Pre-Industrial Societies* (Sociedades pré-industriais) ela incluiu um capítulo intitulado “The Oddity of Europe” (“A singularidade da Europa”). Trata-se de um tour de force, uma história inteira em 30 páginas, quase tão breve quanto a história mais breve aqui contada. Ela me forneceu o conceito da formação e reformulação da mistura europeia, apresentado em minhas duas primeiras aulas. Minha dívida com a professora Crone é enorme.

Durante alguns anos na Universidade La Trobe, em Melbourne, contei com a sorte de ter como colega o professor Eric Jones, um grande incentivador da abordagem generalizada da história e em cujo livro *The European Miracle* (O milagre europeu) eu me baseei amplamente.

Não reivindico originalidade para este livro, exceto quanto ao método. As aulas a seguir foram ministradas na Austrália a alunos que tinham estudado muito a história do país mas que não conheciam quase nada da civilização da qual faziam parte.

Esta edição conta com uma nova seção que aborda em detalhes os séculos XIX e XX.

John Hirst

HISTÓRIA MAIS BREVE

CAPÍTULO 1

Europa clássica e Europa medieval

A CIVILIZAÇÃO EUROPEIA É SINGULAR porque é a única que se impôs ao resto do mundo. Fez isso mediante conquista e colonização, pelo poder econômico, por meio da força de suas ideias e porque dispunha de coisas que todos os outros queriam. Atualmente, todos os países se valem das descobertas científicas e da tecnologia provenientes do Velho Continente, e a ciência foi uma invenção europeia.

Em seu início a civilização europeia era constituída de três elementos:

1. A cultura da Grécia e da Roma antigas.
2. O cristianismo, uma ramificação peculiar da religião dos judeus, o judaísmo.
3. A cultura dos guerreiros germânicos que invadiram o Império Romano.

A civilização europeia era uma mistura: a importância desse fato ficará clara à medida que avançarmos.

QUANDO BUSCAMOS AS ORIGENS DE NOSSA FILOSOFIA, arte, literatura, matemática, ciência e medicina, bem como de nossas ideias sobre política, descobrimos que em todos esses empreendimentos intelectuais somos levados de volta à Grécia Antiga.

Em seus dias de glória, a Grécia não era um estado único, mas uma série de pequenos estados – cidades-estado, como hoje são chamadas. Na prática, eram cidades rodeadas por um terreno; qualquer um podia entrar nelas a qualquer hora. Os gregos queriam pertencer a um estado como nós pertencemos a um clube: era uma confraria. Foi nessas pequenas cidades-estado que surgiram as primeiras democracias. Não eram democracias representativas; não havia eleições para escolher os membros de um parlamento. Todos os cidadãos do sexo masculino se reuniam num lugar para discutir questões de interesse público e votar leis e políticas.

Conforme essas cidades-estado gregas cresciam em população, enviavam emissários para estabelecer colônias em outras partes do Mediterrâneo. A leste, elas se fixaram no que é hoje a Turquia; ao sul, na costa norte da África; e a oeste, na Espanha, no sul da França e no sul da Itália. E foi na Itália que os romanos, então um povo muito atrasado que habitava a pequena cidade de Roma, encontraram os gregos pela primeira vez e começaram a aprender com eles.

Com o tempo, os romanos construíram um império imenso que abrangia a Grécia e todas as colônias gregas. Ao norte, as fronteiras eram dois grandes rios, o Reno e o Danúbio, embora às vezes eles tenham sido ultrapassados. A oeste, era o oceano Atlântico. A Inglaterra pertencia ao Império Romano, mas a Escócia e a Irlanda, não. Ao sul a fronteira era delimitada pelos desertos do norte da África. A leste, era mais indefinida, porque lá havia impérios rivais. O Império Romano contornava o mar Mediterrâneo; uma parte do território ficava no que hoje é a Eu-



Antigas cidades e colônias gregas, c. 550 a.C. A civilização grega prosperou com o comércio e as colônias agrícolas em torno dos mares Mediterrâneo e Negro.



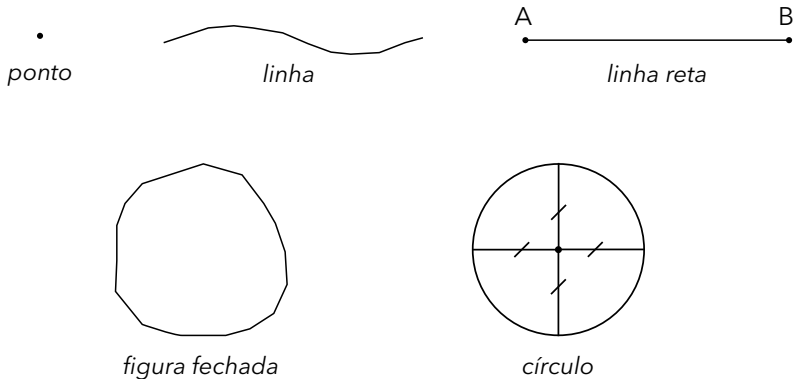
A extensão do Império Romano por volta do século II d.C.

ropa, mas a outra não: abrangia a Turquia, o Oriente Médio e o norte da África.

Os romanos guerreavam melhor do que os gregos. Eram superiores na lei, que usavam para comandar seu império. Eram melhores na engenharia, útil tanto na guerra quanto para comandar um império. Mas em todas as outras coisas eles reconheciam a superioridade dos gregos e os copiavam com toda a humildade. Um membro da elite romana sabia falar tanto grego quanto latim (a língua dos romanos) e ou enviava o filho para estudar numa academia em Atenas ou empregava os serviços de um escravo grego para ensinar o filho em casa. Assim, quando dizemos que o Império Romano era greco-romano, foi porque os romanos assim quiseram.

A geometria é o modo mais rápido de demonstrar quão inteligentes eram os gregos. A geometria que se aprende na escola é grega. Muitos já devem ter esquecido, por isso vamos começar com o básico. A geometria parte de algumas definições primordiais e se desenvolve a partir delas. Tudo começa com o ponto, que, segundo a definição grega, ocupa um lugar, mas não tem dimensão. É claro que tem dimensão – a largura da manchinha que marca um ponto na página –, mas a geometria é uma espécie de mundo de faz de conta, um mundo idealmente puro. Segundo: a linha tem comprimento, mas não largura. Terceiro: a linha reta é a linha mais curta possível unindo dois pontos. A partir dessas três definições já se pode criar uma definição do círculo: em primeiro lugar, é uma linha que forma uma figura fechada. Mas como se formula a ideia da circularidade? Pensando bem, é algo muito difícil. Pode-se definir um círculo dizendo que é um conjunto de pontos equidistantes de um ponto fixo.

Além dos círculos, existem as linhas paralelas – que se estendem ao infinito sem jamais se tocarem –, triângulos com todas as suas variedades, quadrados e retângulos e outras formas re-

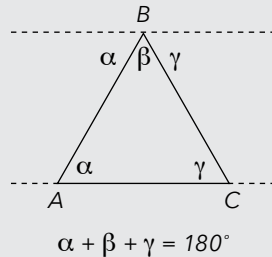
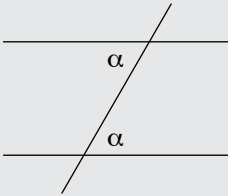


gulares. Essas figuras, formadas por linhas, são todas definidas – têm características nítidas, e suas possibilidades, suscitadas pelas interseções e sobreposições, são exploradas. Tudo é provado a partir do que foi estabelecido antes. Por exemplo, com base nas propriedades das linhas paralelas, pode-se demonstrar que os ângulos internos de um triângulo somam sempre 180 graus (veja o quadro na página 16).

A geometria é um sistema simples, refinado, lógico, bastante satisfatório e bonito. Bonito? Os gregos o achavam bonito, e esse simples fato é fundamental para entender a mentalidade grega. Os gregos praticavam a geometria não apenas como um exercício, como nós fazemos na escola, nem só para usos práticos em levantamentos topográficos ou navegação. Eles consideravam a geometria um guia para a natureza fundamental do Universo. Quando olhamos ao nosso redor, somos impactados pela variedade do que estamos vendo: diferentes formas, diferentes cores. Toda uma gama de coisas acontecendo ao mesmo tempo – de forma aleatória, caótica. Os gregos acreditavam que haveria uma explicação simples para tudo isso: a de que, subjacente a toda essa variedade, deve haver algo simples, regular, lógico que a explique. Algo como a geometria.

A GEOMETRIA EM AÇÃO

Linhas paralelas não se encontram. Podemos definir essa característica dizendo que uma linha reta que cruze as paralelas criará ângulos alternos iguais – ou seja, os dois ângulos formados no cruzamento com uma das paralelas são iguais aos formados no cruzamento com a outra. Se não fossem, as duas linhas estariam convergindo ou divergindo, não seriam paralelas. Usamos letras do alfabeto grego para identificar um ângulo – e, no diagrama à esquerda, α marca os ângulos iguais. O uso de letras do alfabeto grego na geometria nos faz lembrar suas origens. A seguir, usamos as três primeiras letras: alfa (α), beta (β) e gama (γ).



A partir dessa definição, podemos determinar a soma dos ângulos dentro de um triângulo qualquer. Posicionamos o triângulo ABC, à direita, entre duas linhas paralelas: o truque da geometria é saber como usar o que já se sabe para chegar ao que não se sabe. O ângulo α no ponto A é igual ao ângulo no ponto B também marcado como α – tudo isso com base no fato de que são ângulos alternos criados pela linha AB (lado do triângulo) com as paralelas. Da mesma forma, o ângulo γ em C é igual ao ângulo γ no ponto B. A linha pa-

ralela de cima agora é formada pela soma de três ângulos: $\alpha + \beta + \gamma$. Juntos, eles formam uma linha reta, e sabemos que uma linha reta representa um ângulo de 180 graus.

Assim $\alpha + \beta + \gamma = 180$ graus. E, usando propriedades de linhas paralelas, estabelecemos que a soma dos ângulos internos de qualquer triângulo também é $\alpha + \beta + \gamma$. Portanto, a soma dos ângulos internos de qualquer triângulo é 180 graus.

Usamos linhas paralelas para provar uma propriedade dos triângulos.

Os gregos não praticavam a ciência como nós a praticamos, partindo de hipóteses e testando-as com experimentos. Eles achavam que, engrenando a mente e pensando muito, poderiam obter a resposta certa. Assim, desenvolveram um sistema de palpites inspirados. Um filósofo grego disse que toda matéria é feita de água, o que demonstra quão desesperados estavam por alcançar uma resposta simples. Outro disse que toda matéria é constituída de quatro coisas: terra, fogo, ar e água. Outro disse que toda matéria é feita de pequenas coisas que ele chamou de átomos – e acertou em cheio.

Quando a ciência como nós a conhecemos surgiu, há 400 anos, 2 mil anos após os gregos, abalou os ensinamentos centrais da ciência grega, que na época ainda eram vigentes. Mas abalou os gregos seguindo exatamente o palpite grego de que as respostas deviam ser simples, lógicas e matemáticas. Newton, o grande cientista do século XVII, e Einstein, do século XX, disseram que só é possível chegar perto da resposta correta se ela for simples. Ambos conseguiram dar suas respostas na forma de equações matemáticas que descreviam a composição e o movimento da matéria.

Muito frequentemente os palpites gregos estavam errados, bem errados. A premissa fundamental de que as respostas deveriam ser simples, matemáticas e lógicas poderia estar errada também, mas acabou se demonstrando correta. Esse é o maior legado que a civilização europeia deve aos gregos até hoje.

Podemos explicar por que os gregos eram tão inteligentes? Acho que não. Os historiadores são capazes de esclarecer muitas coisas, mas, quando deparam com algo realmente grande – por exemplo, o motivo pelo qual nessas pequenas cidades-estado havia mentes tão lógicas, ágeis e sagazes –, não têm uma explicação convincente. Tudo que os historiadores podem fazer, como qualquer outra pessoa, é se perguntar: “Por quê?”

Eis aqui outro milagre. Estamos chegando ao segundo elemento da mistura europeia. Os judeus acreditavam que havia um único Deus. Esse era um conceito bastante incomum. Os gregos e os romanos adotavam a crença, mais difundida, de que havia diversos deuses. Aliás, os judeus acreditavam em algo ainda mais extraordinário: que seu Deus único cuidava deles de modo especial; que eles eram o povo eleito. Em troca, os judeus tinham de seguir a lei de Deus, cujo fundamento eram os Dez Mandamentos, entregues aos judeus por Moisés, o líder que os libertara da escravidão no Egito. Os cristãos mantiveram os Dez Mandamentos, que continuaram sendo o centro do ensinamento moral no Ocidente até pouco tempo atrás. As pessoas conheciam os mandamentos pelo número. Por exemplo, podia-se dizer que alguém nunca descumpria o oitavo mandamento, mas às vezes descumpria o sétimo. Aqui estão os Dez Mandamentos, conforme registrados no segundo livro da Bíblia, o Êxodo, capítulo 20:

E Deus falou todas estas palavras: Eu sou o Senhor, o teu Deus, que te tirou do Egito, da terra da escravidão.

1. Não terás outros deuses além de mim.

2. Não farás para ti nenhum ídolo, nenhuma imagem de qualquer coisa no céu, na terra ou nas águas debaixo da terra.
3. Não tomarás em vão o nome do Senhor teu Deus, pois o Senhor não deixará impune quem tomar o Seu nome em vão.
4. Lembra-te do dia de sábado, para santificá-lo. Trabalharás seis dias e neles farás todos os teus trabalhos... pois em seis dias o Senhor fez os céus e a terra, o mar e tudo o que neles existe, mas no sétimo dia descansou. Portanto, o Senhor abençoou o sétimo dia e o santificou.
5. Honra teu pai e tua mãe, a fim de que tenhas vida longa na terra que o Senhor teu Deus te dá.
6. Não matarás.
7. Não cometerás adultério.
8. Não furtarás.
9. Não darás falso testemunho contra o teu próximo.
10. Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem seus servos ou servas, nem seu boi ou jumento, nem coisa alguma que lhe pertença.

Os Dez Mandamentos eram apenas o começo da lei moral. Os judeus tinham um sistema legal muito complexo e detalhado que cobria os temas que toda lei costuma cobrir – crime, propriedade, herança, matrimônio –, mas também a alimentação, a higiene, a administração doméstica e o ritual de sacrifícios a Deus no templo.

Apesar de acreditarem ser o povo eleito, os judeus não tiveram a vida dos sonhos. Frequentemente foram humilhados; seu país foi conquistado e eles foram para o exílio; mas, mesmo com tantos contratemplos, nunca duvidaram de que Deus existe ou de que os amava e cuidava deles. Quando a desgraça os atingia, con-

cluíam que não tinham cumprido adequadamente a lei, que tinham ofendido Deus. Assim, na religião dos judeus – bem como no cristianismo – a religião e a moral estão estreitamente ligadas, o que não acontece em todas as religiões. Os romanos e os gregos adoravam deuses que agiam de modo imoral, tinham casos amorosos e tramavam uns contra os outros. Na religião romana os deuses podiam punir, mas em geral não por causa de alguma ofensa moral, e sim porque alguém não havia feito os sacrifícios em homenagem a eles adequadamente ou com frequência suficiente, por exemplo.

Jesus, o fundador do cristianismo, era judeu, e seus primeiros seguidores foram judeus. Na época em que Jesus pregou seus ensinamentos, os judeus, mais uma vez, não controlavam o seu país – a Palestina era uma distante província do Império Romano. Alguns seguidores de Jesus esperavam que ele liderasse uma revolta contra Roma, e seus oponentes tentaram induzi-lo a fazer uma declaração nesse sentido.

– É certo pagar imposto a César ou não? – perguntaram-lhe.

– Mostrem-me a moeda usada para pagar o imposto – pediu ele. – De quem é esta imagem e esta inscrição?

– De César – responderam.

– Então, deem a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.

Jesus conhecia muito bem a lei e os preceitos judaicos, e seus ensinamentos partiram daí. Alguns deles visavam a sintetizar a essência da lei. Esta era uma dessas sínteses: ame o Senhor de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento, e ame o seu próximo como a si mesmo.

Não fica claro se Jesus estava dizendo que as pessoas podiam ficar com a síntese e esquecer todos os detalhes. Ou se estava dizendo que os detalhes são importantes – no que concerne à higiene, ao sacrifício e todo o resto –, mas a síntese é um guia

para as coisas mais importantes ainda. Os estudiosos discutem em que medida Jesus permaneceu dentro do judaísmo ou estava rompendo com ele, mas uma coisa é certa: ele ampliou o alcance dos antigos ensinamentos morais de modo a torná-los muito rigorosos e, pode-se até pensar, inalcançáveis. Reflita a respeito do que ele disse no Sermão da Montanha sobre amar seus inimigos, segundo o Evangelho de São Mateus, capítulo 5:

Vocês ouviram o que foi dito: “Ame o seu próximo e odeie o seu inimigo.” Mas eu lhes digo: amem os seus inimigos e orem por aqueles que os perseguem, para que vocês venham a ser filhos de seu Pai que está nos céus. Porque ele faz raiar o seu sol sobre maus e bons e derrama chuva sobre justos e injustos. Se vocês amarem aqueles que os amam, que recompensa receberão? Até os publicanos fazem isso! E se vocês saudarem apenas os seus irmãos, o que estarão fazendo de mais? Até os pagãos fazem isso! Portanto, sejam perfeitos como perfeito é o Pai celestial de vocês.

Nesse momento Jesus estava transformando o código judaico num sistema universal de amor.

Jesus foi apenas um dos muitos mestres e profetas de seu tempo. Eles despertavam a suspeita dos líderes da religião judaica e, no caso de Jesus, esses líderes cooperaram com os romanos para que Jesus fosse executado. Mas Jesus era diferente desses outros mestres, porque, depois de morto, ressuscitou – ou assim acreditaram seus seguidores. Portanto, não foi apenas um mestre, um profeta ou um bom homem. Seus seguidores acreditavam que ele era filho de Deus e que algo de importância cósmica aconteceu quando Jesus foi crucificado. Deus havia sacrificado a si mesmo para salvar a humanidade da condenação, consequência do pecado original do homem que trouxera o mal para o mundo.

Acreditando em Cristo você poderia se salvar e após a morte não seria condenado ao fogo do inferno, podendo ficar com Deus no céu por toda a eternidade.

Seria essa religião apenas para os judeus ou era para todos? Após a morte de Jesus, seus seguidores estavam divididos. Os tradicionalistas diziam que você só poderia se tornar cristão caso primeiro se tornasse judeu e seguisse todas as regras rigorosas estabelecidas para os judeus no Antigo Testamento. Isso incluía a circuncisão, que para homens adultos é uma cirurgia dolorosa. Se fosse seguido esse caminho, o cristianismo continuaria a ser uma seita muito pequena da fé judaica e provavelmente teria desaparecido ou, pelo menos, com certeza não seria importante nos dias de hoje.

Mas venceu a outra facção, que afirmava que o cristianismo era uma religião totalmente nova. Não era necessário se tornar judeu antes de ser cristão; todas as restrições da lei judaica podiam ser ignoradas; Cristo nos libertou de tudo isso; seus ensinamentos sobre o amor superam qualquer coisa que a lei judaica possa oferecer. Essa era a visão de Paulo, o primeiro grande missionário da Igreja e, segundo alguns, o fundador do cristianismo, porque quando Jesus morreu essa crença era uma questão unicamente judaica. Jesus era judeu, seus seguidores eram judeus e alguns deles queriam que continuasse assim. Foi Paulo quem disse com todas as letras que essa religião era para todos, e, a partir de então, o cristianismo se tornou, ao menos potencialmente, uma religião mundial. No período de 300 anos ela havia se disseminado por todo o Império Romano.

O terceiro grupo na mescla europeia foi o dos guerreiros germânicos que invadiram o Império Romano. Eles viviam perto das fronteiras ao norte e no século V as penetraram, jorrando como uma inundação. Em 476 d.C. tinham destruído o Império Romano do Ocidente. Foi na França, na Espanha e na Itália que a mistura da civilização europeia começou a tomar forma.

Os germânicos eram iletrados e não deixaram registros escritos, portanto dispomos de pouquíssima informação sobre eles antes da invasão. O melhor relato – provavelmente não em primeira mão – é o do historiador romano Tácito, no século I da era cristã. Ele descreve os chefes e companheiros que viviam e combatiam juntos, e viviam para combater:

No campo de batalha, para o comandante é uma desgraça ser superado em coragem por seus companheiros, e, para os companheiros, não se equiparar em coragem a seu comandante. Quanto a sair vivo da batalha após seu comandante ter caído, seria uma infâmia e uma vergonha para o resto da vida. Defendê-lo e protegê-lo, conceder a ele o crédito por seus próprios atos de heroísmo – é isso que eles entendem como lealdade. Os comandantes lutam pela vitória; os companheiros, por seu comandante. Quando a terra onde nasceram fica estagnada num longo período de paz, muitos jovens nobres vão deliberadamente em busca de outras tribos onde uma guerra esteja em andamento. Os germânicos não apreciam a paz. É mais fácil alcançar a fama enfrentando perigos e só é possível manter um grande grupo de companheiros por meio da violência e da guerra. Os companheiros estão sempre pedindo algo a seus comandantes: me dê aquele cavalo de guerra, me dê aquela lança ensanguentada e vitoriosa. Quanto às refeições, com toda a sua fartura, e apesar da comida rústica, elas servem simplesmente como pagamento. Essa prodigalidade deve contar com a guerra e a pilhagem para alimentá-la. É mais difícil convencer um germânico a arar sua terra e esperar seu fruto anual com paciência do que a desafiar um inimigo e obter o mesmo prêmio à custa de ferimentos. Ele considera sem graça e indigno obter com suor o que se pode obter com sangue.

Assim eram os que, 300 anos depois, assumiram o controle do Império Romano.

Já examinamos os três elementos, então agora vamos resumir-los. O conceito grego era de que *o mundo é simples, lógico e matemático*. O conceito cristão era de que *o mundo é perverso e só Cristo salva*. O conceito dos guerreiros germânicos era de que *guerrear é divertido*. É essa improvável mistura que se junta para constituir a civilização europeia.

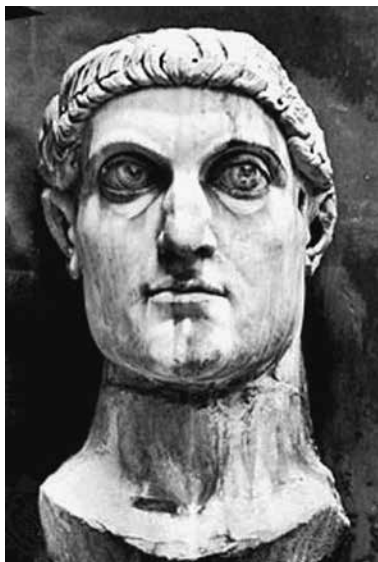


Como esses três elementos se juntaram? Considere, primeiro, a conexão do cristianismo com o mundo greco-romano. De tempos em tempos, as autoridades romanas tentavam extirpar o cristianismo. Apoderavam-se dos livros sagrados, confiscavam propriedades da Igreja, prendiam e torturavam cristãos, executavam os que não repudiavam Cristo.

Os romanos eram, em geral, muito tolerantes. Governavam um império composto por várias raças e religiões; se você ficasse em paz no seu canto, os romanos estavam dispostos a deixá-lo seguir seu próprio caminho. Você podia se autogovernar. Podia praticar sua religião, com a seguinte ressalva: teria de fazer sacrifícios para o imperador. Os romanos acreditavam que o imperador era como um deus. O sacrifício que exigiam era superficial. Poderia ser um retrato ou uma estátua do imperador diante de

uma pequena chama. Jogava-se uma pitada de sal na chama, que crescia. Isso bastava. Era como saudar a bandeira ou cantar o hino nacional. Os cristãos não faziam isso porque, como os judeus, diziam que só podiam cultuar um único Deus e não podiam tratar de forma alguma o imperador como deus. Em geral, os romanos isentavam os judeus de cultuarem o imperador. Eles os consideravam excêntricos e volúveis, mas os reconheciam como um povo antigo que ocupava certo território e tinha seu templo e seu Deus. Em contraste, os cristãos eram seguidores de uma religião nova, e qualquer um podia ser cristão, em qualquer lugar. Os romanos os consideravam subversivos que tinham de ser eliminados. Poderiam ter conseguido isso se tivessem mantido a perseguição a eles.

Foi então que aconteceu um milagre. Em 313 d.C., um imperador romano, Constantino, tornou-se cristão, ou pelo menos apoiou oficialmente as igrejas cristãs. Achou que o Deus delas poderia cuidar dele e do império melhor do que qualquer outro. Numa época em que o cristianismo estava longe de ser uma fé majoritária, o governante do Estado o abraçou; deu dinheiro às igrejas e endossou o poder dos bispos. Cinquenta anos depois, outro imperador cristão banuiu todas as outras religiões. Quatrocentos anos depois de Jesus ter pregado numa conturbada e distante província do Impé-



Constantino (272-337), imperador romano que deu apoio oficial ao cristianismo em 313 d.C.

rio Romano, o cristianismo tornou-se a religião oficial e única do império. Os bispos e padres então desfilavam pelas cidades e saíam aos campos para destruir os templos pagãos. Esse foi o primeiro resultado da conexão entre os três elementos: *O Império Romano tornou-se cristão.*

Àquela altura, a Igreja era muito diferente do que tinha sido nos primeiros tempos. No início, grupos de cristãos se reuniam em casas particulares. Três ou quatro séculos depois, havia uma hierarquia completa de funcionários remunerados em tempo integral: padres, bispos e arcebispos. Um dos bispos – o bispo de Roma – conseguiu fazer de si mesmo o papa e governar a Igreja. A Igreja tinha um sistema legal e tribunais e prisões próprias para aplicar sua lei. Ela controlava não só as questões da Igreja como outras muito importantes – por exemplo, o matrimônio e a herança. A Igreja administrava e aplicava seu próprio sistema de cobrança de impostos, porque todos eram obrigados a pagar para sustentá-la.

Quando o Império Romano desmoronou, a Igreja sobreviveu – ela era como um governo em si. A figura do papa era paralela à do imperador romano, controlando a hierarquia que lhe era subordinada. Vemos aqui a segunda conexão na formação daquela mistura: *A Igreja se torna romana.*

Após o colapso do Império Romano, a Igreja preservou os ensinamentos da Grécia e de Roma (na verdade, ela já estava fazendo isso desde antes). Esse é um desdobramento surpreendente, porque todos os escritores, filósofos e cientistas da Grécia e da Roma antigas eram pagãos, não cristãos. Por que a Igreja cristã daria atenção a eles? Um grupo dentro dela achava que não deveria fazer isso, que os escritos dessas civilizações eram mentirosos e que a única verdade estava em Cristo. “O que Atenas tem a ver com Jerusalém?”, questionou Tertuliano. Mas essa visão não prevaleceu.

Os cristãos não tinham criado seu próprio sistema educacional. Assim, quando o cristianismo começou a ordenar e sistematizar suas crenças, se apoiou em pessoas formadas na tradição greco-romana, que usavam a filosofia e a lógica gregas para explicar e defender o cristianismo. Esses eruditos cristãos achavam que as ideias dos grandes filósofos e moralistas da Grécia e de Roma eram em parte verdadeiras, embora as do cristianismo, claro, representassem toda a verdade. Mas os filósofos gregos poderiam ser usados como um guia para a verdade e para discutir sobre a verdade. Assim, apesar de serem pagãos, a Igreja preservou e utilizou os escritos deles. Esta é a terceira conexão entre as partes que formam a mistura europeia: *A Igreja preserva o conhecimento greco-romano.*

Quando os germânicos invadiram o Império Romano, não pretendiam destruí-lo. A ideia era saquear, se apoderar das melhores terras para nelas se estabelecer e aproveitar as coisas boas da vida. Eles aceitavam de bom grado a lei do imperador. O problema foi que, no século V, a invasão foi tão grande, e eles tomaram tantas terras, que nada restou sob controle do imperador. Na verdade, o Império Romano chegou ao fim porque não tinha mais terras para governar.

Os guerreiros germânicos descobriram que teriam de administrar as sociedades que tinham invadido – o que não era exatamente sua pretensão – e precisariam fazer isso em circunstâncias muito adversas. Eles mesmos eram iletrados; no caos que tinham provocado, o que restava da administração romana desabou; o comércio e as cidades encolheram. Os chefes guerreiros se instalaram como reis, criaram pequenos reinos e começaram a lutar entre si. Reinos se erguiam e caíam num piscar de olhos. Isso foi muitos séculos antes de aparecerem os primeiros contornos dos Estados modernos da Europa Ocidental: França, Espanha e Inglaterra.

Os governos eram extremamente fracos, tão fracos que não conseguiam coletar impostos. (Para nós isso parece um paradoxo – um governo que não coleta impostos!) Em vez de ser o chefe, o guerreiro germânico tinha se tornado rei e arrendava terras para seus companheiros, que por sua vez haviam se tornado a nobreza sob a condição de fornecer um exército para o rei quando preciso. Eles enviariam quantos soldados fossem necessários. Mas, na prática, os nobres começaram a tratar a terra como se fosse deles e a ter suas próprias ideias quanto ao número de soldados a enviar, seu nível de qualidade e para quais propósitos.

Hoje em dia, os chefes de Estado passam as guardas de honra em revista. Eles caminham entre as fileiras, aparentemente inspecionando os soldados, talvez lhes dirigindo uma ou duas palavras. Essa é a réplica de uma antiga prática medieval em que o rei de fato inspecionava os soldados que lhe tinham sido enviados, perguntando a si mesmo: que tipo de escória eles me enviaram desta vez?

Os reis estavam sempre lutando para conseguir mais poder: para serem capazes de governar sem depender dos nobres, para terem seu próprio sistema de cobrança de impostos, para obterem controle total sobre o exército e para terem sua própria burocracia. Mas, como tinham partido de uma posição tão desvantajosa, havia algumas coisas que nunca seriam capazes de ameaçar. A propriedade privada tornara-se sacrossanta; os nobres tinham transformado terras que haviam recebido em arrendamento, e sob determinadas condições, em propriedade privada. Isso sempre impunha uma limitação aos governos, de modo que, apesar de os poderes dos reis europeus terem aumentado, eles nunca se equipararam aos déspotas orientais, que eram donos de tudo o que havia em seus reinos.

Se um déspota oriental precisasse de recursos, ele simplesmente confiscava a propriedade de alguém ou enviava suas tro-

pas, como se estivesse num bazar e pudesse pegar um monte de mercadorias. Governos europeus, mesmo quando chamados de “absolutistas”, nunca poderiam agir assim. *Nem tudo é do rei* era o fundamento da concepção europeia de governo. Do direito à propriedade privada deriva o conceito de direitos individuais, componente central da tradição ocidental. A noção de que deve haver limites para o governo surgiu porque, no início, o governo era de fato extremamente limitado.

A limitação do governo também foi importante para o desenvolvimento econômico. A segurança da qual desfrutavam os comerciantes foi fundamental para que o crescimento econômico europeu tenha decolado num nível não alcançado em qualquer outra parte.

Sabendo o que já sabemos sobre esses guerreiros e seu comportamento, não devemos nos surpreender com o fato de que, logo após invadir o império, eles se tornaram cristãos. A Igreja foi a única instituição que sobreviveu ao colapso do Império Romano. Frequentemente era o bispo que ia tratar com o bando de guerreiros que chegava querendo pilhar a terra. Era o bispo que dizia: “Vocês podem ficar com a terra naquela margem do rio, mas por favor deixem o restante conosco.” Talvez ele mostrasse o palácio do ex-governador romano, que o chefe não teria dúvida em reivindicar para si, e sugerisse que em breve faria uma visita para ajudá-lo a governar o lugar. Em pouco tempo, os bispos convenceram os guerreiros de que matariam mais inimigos se aceitassem o Deus cristão. Os bárbaros foram conquistadores de um tipo peculiar, pois aceitaram a religião do povo que tinham conquistado. A Igreja deixou bem claro para esses novos governantes, reis e nobres que um de seus deveres era apoiar a fé cristã. Esta é a última conexão entre os elementos da mistura europeia: *Guerreiros germânicos apoiam o cristianismo.*

Assim, resumindo todas as conexões,



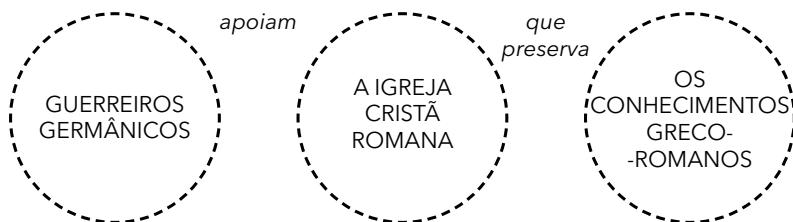
O IMPÉRIO ROMANO *torna-se* CRISTÃO

A IGREJA CRISTÃ *torna-se* ROMANA

A IGREJA *preserva* OS CONHECIMENTOS
GRECO-ROMANOS

GUERREIROS GERMÂNICOS *tornam-se* CRISTÃOS

chegamos à seguinte conclusão:



É uma mistura muito estranha, não é? Esses elementos não são aliados naturais. A combinação é instável. Ela acabou se rompendo, mas a união durou quase mil anos – de cerca de 476 d.C., ano da queda do Império Romano, até aproximadamente 1400. Esse é o período que os historiadores chamam de Idade Média, ou período medieval. Aqueles que estudam a história de um ponto de vista mais amplo consideram que o ano 1400 marca o início dos tempos modernos. Com isso, configuram-se três eras na história da Europa: antiga ou clássica, medieval e moderna.

CONHEÇA ALGUNS DESTAQUES DE NOSSO CATÁLOGO

- Augusto Cury: Você é insubstituível (2,8 milhões de livros vendidos), Nunca desista de seus sonhos (2,7 milhões de livros vendidos) e O médico da emoção
- Dale Carnegie: Como fazer amigos e influenciar pessoas (16 milhões de livros vendidos) e Como evitar preocupações e começar a viver
- Brené Brown: A coragem de ser imperfeito – Como aceitar a própria vulnerabilidade e vencer a vergonha (600 mil livros vendidos)
- T. Harv Eker: Os segredos da mente milionária (2 milhões de livros vendidos)
- Gustavo Cerbasi: Casais inteligentes enriquecem juntos (1,2 milhão de livros vendidos) e Como organizar sua vida financeira
- Greg McKeown: Essencialismo – A disciplinada busca por menos (400 mil livros vendidos) e Sem esforço – Torne mais fácil o que é mais importante
- Haemin Sunim: As coisas que você só vê quando desacelera (450 mil livros vendidos) e Amor pelas coisas imperfeitas
- Ana Claudia Quintana Arantes: A morte é um dia que vale a pena viver (400 mil livros vendidos) e Pra vida toda valer a pena viver
- Ichiro Kishimi e Fumitake Koga: A coragem de não agradar – Como se libertar da opinião dos outros (200 mil livros vendidos)
- Simon Sinek: Comece pelo porquê (200 mil livros vendidos) e O jogo infinito
- Robert B. Cialdini: As armas da persuasão (350 mil livros vendidos)
- Eckhart Tolle: O poder do agora (1,2 milhão de livros vendidos)
- Edith Eva Eger: A bailarina de Auschwitz (600 mil livros vendidos)
- Cristina Núñez Pereira e Rafael R. Valcárcel: Emocionário – Um guia lúdico para lidar com as emoções (800 mil livros vendidos)
- Nizan Guanaes e Arthur Guerra: Você aguenta ser feliz? – Como cuidar da saúde mental e física para ter qualidade de vida
- Suhas Kshirsagar: Mude seus horários, mude sua vida – Como usar o relógio biológico para perder peso, reduzir o estresse e ter mais saúde e energia

sextante.com.br

